

# A Geografia na Contemporaneidade

## 2

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Geografia na Contemporaneidade 2

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade 2 [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-019-3

DOI 10.22533/at.ed.193182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia, educação e território”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, comunidades tradicionais, território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia humana. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMO APRENDEMOS A ENSINAR GEOGRAFIA? A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL	
<a href="#">Ana Carolina Lydia</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1931821121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: OBSERVAÇÃO DO ENSINO E UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO ALUNO E DO PROFESSOR NA CIDADE DE CAICÓ/RN	
<a href="#">Iapony Rodrigues Galvão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1931821122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS	
<a href="#">Ismael Donizete Cardoso de Moraes</a>	
<a href="#">Vanilton Camilo de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1931821123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
POLÍTICA PÚBLICA “ESCOLA DA TERRA”: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO NA BAHIA	
<a href="#">Cássia Hack</a>	
<a href="#">Celi Nelza Zülke Taffarel</a>	
<a href="#">Sicleide Gonçalves Queiroz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1931821124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS DICOTOMIAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
<a href="#">Reinaldo Pacheco dos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1931821125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL	
<a href="#">Fátima Regina Cividini</a>	
<a href="#">Valdir Gregory</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1931821126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.	
<a href="#">Romisval Silva dos Santos</a>	
<a href="#">Elane Bastos de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1931821127</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 83**

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDOS DE PASTO NA DEFESA PELOS DIREITOS TERRITORIAIS: O QUE ESPERAR DA LEI ESTADUAL 12.910/2013

[Vanderlei Rocha Lima](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821128**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

[Alice do Carmo Jahn](#)

[Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris](#)

[Elaine Marisa Andriolli](#)

[Antônio Joreci Flores](#)

[Maria da Graça Porciúncula Soler](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821129**

**CAPÍTULO 10 ..... 109**

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVA ESMERALDA DO TERRITÓRIO RURAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS

[Alessandra Daiana Schinaider](#)

[João Ernesto Pelissari Candido](#)

[Daiane Netto](#)

[Anelise Daniela Schinaider](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211210**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

O ESTADO QUE DÁ COM UMA MÃO E NEGA COM A OUTRA: A ATUAL CUJUNTURA DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL PELO Cimi

[Yasmine Altimare da Silva](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211211**

**CAPÍTULO 12 ..... 127**

TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

[Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva](#)

[Valdir Gregory](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211212**

**CAPÍTULO 13 ..... 141**

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

[Guilherme de Barros Melo](#)

[Orlando Bispo dos Santos.](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211213**

**CAPÍTULO 14 ..... 152**

TRAMAS QUE APROXIMAM A JUVENTUDE RURAL NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ: OLHARES DESDE AS IDENTIDADES, A AUTONOMIA E A TERRITORIALIDADE

[Cristiane Tabarro](#)

[Alvori Ahlert](#)

[Valdinéia Ferreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
O DESEMPENHO DA POLÍTICA TERRITORIAL NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO TERRITÓRIO VALE DO PARAÍBA	
Maria José Ramos da Silva Renata Felinto Farias Aires Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
OS CONFLITOS NO CAMPO DO TOCANTINS: A BARBÁRIE PERMANECE	
Alberto Pereira Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>193</b>
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	
Julie Mathilda Semiguem Pavinato Emerson Ferreira da Silva Irene Carniatto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>208</b>
AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE	
José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo Maria Morgana Santos Santana Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>218</b>
DO CONCRETO A MEMÓRIA: O MONUMENTO COMO REPRESENTAÇÃO	
Samuel Cabanha André Avelino Cabanha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>233</b>
ELEMENTOS ESPACIAIS E CENTRALIDADE PERIFÉRICA - O CASO DE TEFÉ NO AMAZONAS	
Kristian Oliveira de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>249</b>
FORMAS DE ACESSO Á TERRA EM FEIRA DE SANTANA (BA): UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO.	
Ângela Carine Felix de Oliveira Matos Gilmar Oliveira da Silva Elane Bastos de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>260</b>
REPRESENTAÇÕES DOS CONSELHEIROS SOBRE A ARTICULAÇÃO CULTURA E NATUREZA NA GESTÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DONA FRANCISCA	
Fernanda Dalonso Mariluci Neis Carelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>269</b>
O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA, ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA E O CONJUNTO HABITACIONAL NAIR BARRETO NA CIDADE DE XIQUE-XIQUE-BA	
Janes Terezinha Lavoratti Marciel Todão da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>280</b>
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG	
Aline Fernanda Cardoso Valéria Aparecida Moreira Costa Iara Soares de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>294</b>
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG, NO PERÍODO 1850/1920: POPULAÇÃO, CAFÉ E TERRITÓRIO	
Pedro José de Oliveira Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>309</b>
TURISMO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DO SANTUÁRIO BOM JESUS DA CANA VERDE – SIQUEIRA CAMPOS – PR	
Guilherme Ferrari Oliveira Rodrigo Aparecido Mendonça Vanessa Maria Ludka	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211226</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>319</b>

## AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE

### **José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo**

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Geografia São Cristóvão - Sergipe.

### **Maria Morgana Santos Santana**

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Geografia São Cristóvão - Sergipe.

### **Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante**

Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Geografia São Cristóvão - Sergipe

**RESUMO:** Considera-se, que a relação sociedade-natureza se dá, dialeticamente, pelo trabalho. Como condição ontológica, o trabalho é responsável por garantir ao homem sentido enquanto ser social. Contudo, sob o sistema capitalista, o trabalho sofre uma deformação metabólica, converte-se em mercadoria, passível de ser enquadrada nas leis monetárias de compra e venda. Nessa direção, o presente estudo objetiva analisar as tessituras do trabalho no município de Itabaiana/SE. A pesquisa está ancorada no materialismo histórico dialético, a metodologia contemplou a pesquisa bibliográfica: artigos, livros, dissertações e teses que abordam a temática; como também a realização da pesquisa de campo. Os resultados da pesquisa demonstram que a terceirização, a

flexibilização e a informalidade configuram-se como delineamentos do mundo do trabalho em Itabaiana-SE, revelando a intensificação do processo de exploração do trabalho mediante o assujeitamento de crianças, jovens, homens e mulheres à lógica perversa do capital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho; Capital; Estado, Relação Campo-cidade.

**ABSTRACT:** It is considered that the field-city relationship occurs, dialectically, by work. As an ontological condition, the work is responsible to guarantee for men the meaning as social being. However, under the capitalist system, the work suffers a metabolic deformation, and becomes merchandise, able to be framed by monetary laws of supply and demand. In this sense, the paper aims to analyse the tessitures of work in the municipality of Itabaiana/ SE. The research is based on the dialectical historical materialism, the methodology contemplated the bibliographic research: articles, books, dissertations and doctoral thesis that approach the thematic; as also the achievement of field research. The research results demonstrate that the outsourcing, the flexibilization and the informality configure themselves as designs of the world of work in Itabaiana-SE, revealing the intensification of the process of labor exploitation through the assembling of kids, young, and women to the perverse logic of capital.

**KEYWORDS:** Work; Capital; State; Field-City Relationship.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar a precarização do trabalho a partir da leitura da realidade concreta do município de Itabaiana-SE. Considera-se que o trabalho é uma categoria ontológica, tendo em vista que a relação sociedade-natureza se dá por meio do trabalho. Essa relação é dialética, pois, ao transformar a natureza o homem modifica a si mesmo. Com base na teoria do valor-trabalho de Marx (2013), na sua condição ontológica, o trabalho, além de produzir valor, é o responsável por garantir ao homem o sentido enquanto ser social.

Historicamente, as relações de trabalho ocorreram e ocorrem mediante conflitos entre classes, se baseando em formas de pagamento tais como: dias de trabalho nas terras do senhor feudal (do servo ao senhor feudal), e na atualidade, com o sistema capitalista, através do assalariamento. Apenas no modo de produção capitalista ocorre o processo de expropriação da classe trabalhadora dos meios de produção, lhe restando apenas a condição de força de trabalho enquanto mercadoria no, cada vez mais curto, ciclo do capital. Portanto, é no modo de produção capitalista que se inicia a relação de assalariamento, que obscurece a apropriação do mais valor pela classe burguesa.

Conforme Marx & Engels (2008, p.40):

[...] a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada [...].

Na atualidade, tal luta de classes passa a ser delineada por novos contornos, além de agregar novos elementos, como a precarização, cada vez mais intensificada, das relações de trabalho através da máxima exploração da força humana. Este processo passa a se agravar ainda mais com a reestruturação produtiva que se dá com a crise estrutural do capital, que passou a dar sinais mais explícitos a partir da década de 1970.

A reestruturação da produção do capital implicou em variantes diretas no mundo do trabalho, seja no campo, ou na cidade. Coube ao Estado minimizar a máquina pública, mediante o corte de direitos dos trabalhadores e extinguindo serviços públicos para a inserção do capital mediante privatização de alguns setores. Ainda neste processo de reestruturação produtiva, ao trabalhador foi destinado o extravio de direitos trabalhistas que foram conquistados historicamente através de intensas lutas sociais, além da intensificação dos níveis de exploração, precarização das relações e formas de trabalho, bem como a convivência com o fantasma real do desemprego estrutural.

## 2 | METODOLOGIA

Segundo Moraes (1999) o método de interpretação refere-se aos princípios filosóficos que interpelam a visão do pesquisador, ou seja, sua concepção de mundo e sua postura diante da realidade. Tal método está imbuído de uma carga ideológica e representa o posicionamento político do pesquisador. Desta forma, a presente pesquisa busca como método de interpretação a intenção de realizar a abordagem do materialismo histórico dialético, cujas matrizes encontram-se no pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels. Este método propõe realizar uma leitura a partir da realidade concreta, objetiva, considerando as contradições do movimento do real que é produzido historicamente mediante as relações humanas de produção e socialização em sua totalidade.

Como procedimento metodológico inicial da pesquisa foi realizado o levantamento bibliográfico, mediante a consulta e análise reflexiva de artigos, livros, dissertações e teses que abordam a temática em tela.

A revisão da literatura diz respeito à fundamentação teórica que será adotada para tratar do tema e do problema da pesquisa. Por meio da análise da literatura publicada, é possível traçar um quadro teórico e conceitual que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa (PEREIRA, 2007, p. 68).

Neste sentido, foram realizadas leituras seguida de análise reflexiva e elaboração de fichas de leitura sobre obras que abordam o conceito de trabalho como: Antunes (1999), Engels (2009), Konder (2008), Lessa & Tonet (2011), Marx (2004), Marx (2013), Marx & Engels (2012), Menezes (2007), Smith (1984).

Posteriormente foi realizada pesquisa de campo a fim de compreender a realidade estudada através de observações e realização de entrevistas semiestruturadas com funcionários de órgãos públicos, como também com trabalhadores do município de Itabaiana-SE. A partir das informações obtidas foi realizada a análise qualitativa, buscando compreender as contradições do mundo do trabalho, nas esferas da precarização, terceirização e informalidade.

## 3 | O TRABALHO ENTRE A ONTOLOGIA E O ESTRANHAMENTO

Para além de produzir riquezas, o trabalho é fundamento da sociedade, é a condição ontológica do ser social. É através do trabalho que o homem se relaciona com a natureza exterior transformando-a de acordo com suas necessidades e/ou interesses, neste processo ocorre acúmulo de experiências, devido às situações vivenciadas, que resultam no aprimoramento humano, logo, o homem transforma a natureza e a si mesmo pelo trabalho (MARX, 2013).

Engels (2009) demonstrou, de forma minuciosa, como o macaco transformou-se em homem através do trabalho. O autor supracitado considerou que o trabalho, tipificado na realização contínua de atividades inerentes à sobrevivência, é um

conjunto de situações que elencavam novas necessidades foram responsáveis pelo desenvolvimento dos membros do corpo, a mudança para a postura ereta e o desenvolvimento da linguagem, culminando assim na figura do homem humanizado.

[O homem] Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. O metabolismo dos seres humanos com a natureza é o processo pelo qual os seres humanos apropriam os meios para preencher suas necessidades e devolver outros valores-de-uso para a natureza. Neste nível abstrato, claramente, a relação com a Natureza (a troca material) é uma relação do valor-de-uso; é como um puro valor-de-uso que a Natureza entra na relação com os seres humanos (SMITH, 1984, p. 72).

Na concepção dialética, mediante o trabalho, o homem transforma a natureza e a si mesmo. Diferente dos demais animais, o homem realiza o trabalho não apenas como reprodução biológica, ou de forma instintiva. O ser social realiza o seu trabalho de forma consciente, o que certamente o distingue de qualquer animal e garante a sociabilidade ao homem (MARX, 2013).

Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente (MARX, 2012, p. 255-256).

Nessa direção, destaca-se a capacidade teleológica do trabalho humano. O homem consegue antecipar em sua mente, no plano ideal, as consequências da sua ação, o que possibilita a escolha de uma entre várias possibilidades, além de antecipar através de uma representação ideal o produto do seu trabalho (MARX, 2013).

Entretanto, o papel do trabalho não se resume a produção humana, engloba também a produção da sociedade. Segundo Lessa & Tonet (2011, p. 23) “não há indivíduo fora da sociedade”, logo, o trabalho realizado de forma individual em uma relação dialética influencia e é influenciado pela sociedade. O produto do trabalho humano se dá mediante as experiências das gerações anteriores e possui variantes futuras (LESSA; TONET, 2011).

Através do trabalho o homem construiu toda base material que é indispensável para a (re)produção da sociedade humana. (ENGELS, 2009). À medida que se desenvolvia o aprimoramento humano, se complexificava as relações de trabalho resultando em novas produções humanas, tais como o Estado, o direito, a religião e a divisão do trabalho, esta última possui maiores variantes e implicações com o surgimento do sistema sociometabólico do capital.

No momento histórico em que as condições materiais puderam permitir o surgimento da propriedade privada, a divisão do trabalho e a sociedade em classes, o trabalho sofreu uma deformação metabólica. Com a origem da propriedade privada iniciou-se o processo da divisão social do trabalho, a qual distingue duas classes

antagônicas e que com o desenrolar deste processo ocorreram modificações nas relações de trabalho, modificando também a forma de produção do espaço.

No sistema do capital, ao invés de produzir a realização humana, o trabalho transfigurou-se em ente estranho ao trabalhador. Segundo Konder (2008, p. 30), tal estranhamento ocorre “uma vez que o produto do trabalho, antes mesmo de o trabalho ser realizado, pertence a outra pessoa que não o trabalhador”. Tal estranhamento não é resultado de um processo natural, mas social. Torna-se necessário para a manutenção do sistema do capital, pois ao não se reconhecer como produtor da riqueza o trabalhador não pode requerer a apropriação da mesma, antes se torna cada vez mais alienado do processo de produção e não se realiza na produção do trabalho. Segundo Marx (2004, p.44), “a apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital”.

Na sociedade capitalista, ao separar os homens em detentores dos meios de produção e vendedores da sua força de trabalho, o trabalho sofre uma deformação metabólica, ao invés de produzir o que necessita através do trabalho, o ser social, passa a produzir de acordo com as determinações imperantes do processo sociometabólico do capital que visa à acumulação incessante do mais valor. O trabalho perde o seu caráter ontológico e torna-se para o capital mais uma mercadoria que garante a continuidade da lógica de (re)produção do capital.

Subsumido à condição de mercadoria, quanto maior a oferta da mercadoria trabalho mais baixo é o seu preço, quando isto não é possível o capital cria mecanismos de controle que garantem a desvalorização do valor da força de trabalho, seja através do desemprego estrutural, de crises periódicas, da retirada de direitos trabalhista, ou da contratação de trabalhadores considerados “inferiores” como os imigrantes, as mulheres e as crianças.

Segundo Menezes (2007), ao tornar o trabalho mercadoria, o trabalhador já está fadado a tornar-se supérfluo. O trabalhador não é concebido enquanto humano, mas como mercadoria que possibilita a produção de outras mercadorias, estas, por sua vez, quando completado o ciclo de realização do capital tornam-se mais valor, que possibilita a acumulação progressiva e a contínua exploração do trabalho. Como mercadoria, o trabalho deve possuir um custo cada vez menor para não comprometer o lucro do capitalista, o que só é possível mediante a precarização das condições de trabalho e a achatamento dos salários dos trabalhadores, assim, o capital resulta em coisificar seres humanos e naturalizar desigualdades. O trabalho distancia-se do seu aspecto ontológico, para tornar-se trabalho alienado e o ser social tornar-se supérfluo frente às determinações do sistema sociometabólico do capital.

#### 4 | O MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE: O REAL CONCRETO

Ao analisarmos a realidade estudada, observa-se que os trabalhadores vivenciam um processo profundo de alienação, cujo cerne encontra-se fundado na divisão social do trabalho que resulta na separação entre o trabalhador e os meios de produção, colocando o produto do trabalho como algo estranho aos que a produzem. Assim, a sociedade encontra-se dividida entre os que detêm a posse dos meios de produção e os que necessitam vender a sua única fonte de renda – a força de trabalho – isso quando há um “comprador” que pague por esta mercadoria, visto que, com o fantasma real do desemprego estrutural tem ocorrido uma série de demissões na maior parte das fábricas, lojas, entre outros ramos.

Há na sociedade sergipana um discurso falacioso, que atribui a condição socioeconômica de Itabaiana/SE ao “espírito empreendedor” inerente aos sujeitos sociais que nascem no município, uma espécie de atribuição natural desse grupo humano. No entanto, ao se admitir este discurso como verdade inquestionável, perde-se a centralidade do trabalho como fundante da sociedade e fonte de toda riqueza produzida, como também suprime a possibilidade de qualquer análise das relações de trabalho e das relações de produção.

O município de Itabaiana/SE tem apresentado um crescimento econômico significativo nos últimos anos. É expressão dessa afirmativa, a ampliação do comércio como um todo, quantitativamente falando o número de lojas aumentaram, além da construção em andamento de um *Shopping Center* na cidade. Ao pensar em lojas sendo inauguradas, logo se pensa em contratações, essas até podem ocorrer, mas somente por uma temporada, uma vez que, os trabalhadores passam por um processo de rotatividade tão intenso, que amiúde a carteira de trabalho não chega a ser assinada. São trabalhadores, que residem nos municípios vizinhos e na zona rural de Itabaiana, sendo obrigados a conviver com o caos e a insegurança decorrentes dessa ação perversa do capital, sobretudo, os jovens e adultos que buscam um trabalho fixo como garantia de sua reprodução social.

Mediante pesquisa de campo, constatou-se que como aprofundamento da competitividade capitalista, a adoção do trabalho por comissão encerra-se como mecanismo utilizado para ampliar as vendas, destarte, a margem de lucro. Para o mundo do trabalho, essa estratégia do capital, resulta em colocar os trabalhadores para se digladiarem, desestabilizando os laços de cooperação na/da classe trabalhadora e segmentando-a ainda mais.

Nas últimas décadas os processos de precarização do trabalho, informalidade e terceirização tem se intensificado em Itabaiana. Através da realização de entrevistas com trabalhadores, foi relatado que nas instituições públicas os direitos trabalhistas têm sido negligenciados, sobretudo, pela falta de fiscalização do ministério do Trabalho.

O processo de terceirização no município está focalizado predominantemente nos setores públicos como a Universidade Federal de Sergipe e as escolas tanto

municipal como estadual. Segundo Alves (2010), esse processo se finda como reflexo da crise estrutural que atribui o desmonte do Estado como estratégia para garantia da (re)produção do capital sem comprometimento da taxa de lucro.

Nesse contexto, a redução da esfera estatal torna-se princípio fundamental da política neoliberal para a inserção do capital em setores que se encontravam sob a responsabilidade estatal (HARVEY, 2008). A crise fiscal-financeira é utilizada como discurso falacioso que atribui ao Estado a necessidade de cortar gastos, seja através da retirada de direitos sociais, ou da terceirização de serviços prestados pelo próprio Estado, como também a privatização de empresas e serviços públicos. A terceirização emerge como a expressão máxima da entrada do capital na esfera pública e que implica diretamente em transformação no trabalho, como a redução de salários.

Na área urbana do município os vendedores ambulantes configuram-se como expressão da informalidade que permeia o mundo do trabalho. São trabalhadores que diante do desemprego estrutural concebem as atividades informais como mecanismo de garantia às condições mínimas para sua reprodução material. Dispersos em diversos pontos espaciais da cidade, comercializam desde produtos alimentícios até mercadorias industriais produzidas sob as precárias condições de trabalho na China. Com base na realização de entrevistas, constatou-se que esses trabalhadores consideram os rendimentos da informalidade superiores aos rendimentos na condição de assalariamento. No entanto, essa realidade não suprime a face precarizada e eivada das condições de trabalho desses sujeitos, a saber, as longas jornadas de trabalho, a ausência de direitos trabalhistas.

No setor industrial, constata-se a forma de produção descentralizada, como estratégia responsável por uma extração maior do lucro. Segundo Harvey (2009), a flexibilidade do/no processo produtivo instaurou-se como solução para conter a tendência de queda da taxa de lucro que se coloca de forma mais incisiva a partir da crise crônica do capital que possui por marco a década de 1970.

Como materialidade dessa estratégia, constataram-se através de pesquisa de campo na periferia da cidade de Itabaiana as fábricas de produção de folheados a ouro - como brincos, pulseiras, correntes e anéis. A descentralização da produção implica na inclusão de todos os membros da família durante o processo produtivo, resultando em exploração do trabalho sem que haja remuneração. Soma-se a essa situação, a realidade dos trabalhadores que elaboram peças nas suas próprias casas sem vínculo empregatício, pois o regime de contrato é o trabalho temporário.

A produção de folheados a ouro possui como expressão basilar o trabalho feminino e infantil. Enquadrados no grupo da força de trabalho menos valorizada, são trabalhadores que se inserem de forma precarizada nas relações de produção capitalistas, vivenciando a superexploração como marca do seu labor, trabalham na mesma posição durante horas, realizando um trabalho que requer paciência e sutileza na medida em que desgastam as suas forças físicas e a condição física dos quirodáctilos.

Em tempos de acumulação flexível, a flexibilização do trabalho forja-se como mais um mecanismo para a exploração da força de trabalho humana (HARVEY, 2009). Durante a pesquisa de campo detectou-se que no contrato de diversos trabalhadores não há especificando uma função, permitindo que os trabalhadores executem inúmeras funções. É a estratégia utilizada pelo capital para redirecionar o rumo da produção conforme as oscilações do lucro sem necessitar contratar mão de obra especializada.

Enquanto que ao detentor dos meios de produção cabe a apropriação da riqueza produzida, ao trabalhador é dada uma quantia mínima como garantia para a sua reprodução na condição de trabalhador, permanecendo sem compreender o processo de exploração a que está sujeitado. Ao questionar os motivos, que os levam a permanecerem sob tais condições de exploração e precarização do trabalho, recebemos várias respostas como se constata abaixo:

“É a única forma de sobreviver” (Trabalhador A).

“Se eu sair o patrão fala, que têm inúmeros querendo ocupar meu lugar” (Trabalhador B).

“O meu trabalho é a única forma para eu concluir minha faculdade e lutar por algo melhor, depois” (Trabalhador C).

“Preciso trabalhar para ajudar meus pais”, “Se eu não trabalhar não consigo comprar minhas coisas” (Trabalhador D).

Ao trabalhador subsumido pela lógica irracional do capital, cabe o seu papel de produtor de riqueza e a convivência real com a pobreza. O trabalhador, apesar de real produtor da riqueza, torna-se cada vez mais precarizado, flexível, eivado, supérfluo aos ditames do capital que busca manter a sua operacionalidade reprodutiva sem dirimir a sua taxa de lucro.

Essa realidade representa o caráter destrutivo da lógica sociometabólica do capital, que ao mesmo tempo em que ele centraliza e concentra capital nas mãos de uma minoria simultaneamente engendra suas mazelas especializando o espaço da miséria, da barbárie. Como elucida Conceição (2005, p.168) “a concentração territorial intensifica os bolsões de pobreza e, conseqüentemente, conflitos; aumento de marginalidade e criminalidade, atos de violência que são cada vez mais intensos, frente ao crescente desemprego [...]”.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinamicidade do sistema capitalista torna-o incontrolável e a auto expansão inevitável (MÉSZÁROS, 2002). Através do processo sociometabólico o capital busca novos mecanismos para se inserir em novos setores que possibilitem a progressiva acumulação, dessa forma, o ataque ao mundo do trabalho – com a retirada de direitos trabalhistas e a intensificação da precarização e exploração do trabalho humano - tem

se revelado como uma nova estratégia do capital, visto que, as tais têm se mostrado rentáveis para o capital permitindo assim a reprodução continuada do capital.

Os resultados da pesquisa evidenciam o alto processo de exploração do trabalho, que crianças, jovens, mulheres, e adultos são submetidos constantemente no município de Itabaiana/SE, os quais estão sujeitados a lógica perversa do capital. Assim, há um processo simultâneo de exclusão e inclusão imediata no crescente exército de reserva, que alimenta a reprodução sociometabólica do capital, resultando na maximização das disparidades sociais por meio do ataque direto ao mundo do trabalho.

A alienação torna-se marca essencial no processo acumulativo do capital em Itabaiana, os trabalhadores não se percebem enquanto produtores da riqueza veem no imediato, o trabalho precarizado e estranhado como a única perspectiva para garantia da sua reprodução material, inclusive submetendo-se a níveis cada vez mais intenso de exploração, os quais em determinadas situações não é capaz de garantir o mínimo que é acordado socialmente, como os direitos trabalhistas. Neste sentido, verifica-se que no sistema do capital o imperativo da acumulação é a força motriz do processo, para tanto, torna-se necessário subverter o trabalho à lógica do capital, assim a negação e retirada dos direitos da classe trabalhadora representa os imperativos do próprio capital que busca sempre reduzir gastos para acumular mais valor.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **O Novo (Precário) Mundo do Trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2010.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. A Geografia do Espaço da Miséria. **Scientia Plena**. v.1, p.166-170, 2005.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do homem em macaco**. Brasília: Editora Centelha Cultural, 2009.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. 3. ed. São Paulo, SP:Loyola, 2008.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2009.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Vol. 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008.

MENEZES, Sócrates Oliveira. **De supérfluos a sujeitos históricos na contramão do capital: a geografia do (des)trabalho**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Sergipe, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital** – rumo a uma teoria da transição. 1ª edição. Tradução de Paulo César Castanheiros e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo editorial, 2002.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia Crítica: a valorização do espaço**. 4ª edição, São Paulo: Hucitec, 1999.

PEREIRA, José Matias. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção de espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-019-3

